

S E S C P A L L A D I U M A P R E S E N T A

**Palavra**  
**Viva**



ALMANDRADE ARNALD  
O ANTUNES AUGUST  
O DE CAMPOS FABIO  
MORAIS GUILHERME M  
ANSUR LENORA DE BA  
RROS MARILÁ DARDOT  
PAULO BRUSCKY RICA  
RDO ALEIXO TADEU JU  
NGLE WALTER SILVEIRA

CURADORIA DANIEL RANGEL

# palavra viva

Idealização:



Realização:



DE 27 DE FEVEREIRO A 22 DE ABRIL  
GALERIA DE ARTE GTO | SESC PALLADIUM  
FOYER RIO DE JANEIRO | FOYER AV. AUGUSTO LIMA

## PALAVRA VIVA

A língua portuguesa, a poesia visual e a relação entre a palavra e a imagem são os principais eixos condutores da exposição Palavra Viva, com curadoria assinada por Daniel Rangel. A mostra apresenta um panorama da poesia visual no Brasil e reúne trabalhos de importantes poetas-artistas e artistas-poetas de diferentes gerações. São eles, Augusto de Campos, Almandrade, Paulo Bruscky, Arnaldo Antunes, Tadeu Jungle, Guilherme Mansur, Marilá Dardot, Walter Silveira, Ricardo Aleixo, Fabio Morais, Lenora de Barros.

Serigrafia; carimbos e colagem, monotipia, fineart e escultura servem de suporte para que os trabalhos sejam desenvolvidos, sempre com a palavra em destaque e sendo o principal ativador poético.

A mostra também propõe a ocupação do Sesc Palladium de maneira ampla. Assim, as obras não estão expostas apenas na galeria Geraldo Teles de Oliveira, mas transformando todo o ambiente do prédio, desde a fachada até as paredes e vãos livres de outros espaços.

Com Palavra Viva, inicia-se um período em que a programação do Sesc Palladium vai celebrar a Língua Portuguesa como elemento de identificação e pertencimento, fundador da cultura de um país e Patrimônio Cultural Imaterial.

A cada momento a língua se transforma. Serve à linguagem da rua, da comunidade, da academia, aos artistas, escritores ou a qualquer agrupamento que, constantemente, encontram nela formas e expressões para uma comunicação mais efetiva e com um caráter dinâmico. É por meio dela que (des)organizamos o mundo. A língua é viva.

Sesc em Minas Gerais



## A IMAGEM DA POESIA

A exposição **Palavra Viva** retrata o dinamismo da língua portuguesa a partir do diálogo entre poesia e artes plásticas. A transversalidade entre palavra e imagem é o fio condutor da seleção de obras que compõem a mostra, que traça um breve panorama desse recorte linguístico-imagético da produção poética e artística brasileira.

A palavra é o elemento central na semântica de idiomas ocidentais, sendo atrelado, sobretudo, à literatura, incluindo a poesia. Desde a antiguidade até o Renascimento, podemos observar uma espécie de disputa entre as linguagens artísticas, e somente a partir das vanguardas europeias, no fim do século 19, que se iniciou um processo de aproximação e diálogo entre as disciplinas e as linguagens artísticas.

O poema seminal “Un Coup de Dés”, de Stephan Mallarmé, datado de 1888, é um marco do encontro entre poesia e artes visuais<sup>1</sup>, seguido, já no começo do século 20, pelas experiências visuais dos caligramas do poeta Guillaume Apollinaire, pela produção de alguns artistas plásticos, como Mondrian, Malevich, Picasso, Duchamp e Raoul Hausmann, e pela obra de compositores como Stockhausen e Schönberg. Essas personagens são fundamentais em cada uma de suas disciplinas e responsáveis pelo trânsito entre elas.

No Brasil, os reflexos mais consistentes desse hibridismo entre poesia, artes plásticas e música ocorreram a partir dos anos 1950, com a produção dos inventores da poesia concreta brasileira Augusto de Campos, Décio Pignatari e Haroldo de Campos. O trio de poetas paulistas, conhecido como grupo Noigandres<sup>2</sup>, iniciou então uma produção autoral poética verbivocovisual, amparada pela realização de um grande número de traduções de autores referenciais e revisões críticas fundamentais para o entendimento do que propunham.

O termo “verbivocovisual” foi traduzido por eles a partir da obra mais radical do poeta irlandês James Joyce, intitulada *Finnegans Wake*. Em linhas gerais, a expressão propõe

a multidisciplinaridade e o encontro entre as dimensões semânticas (verbi), sonoras (voco) e plásticas (visual). Essa característica híbrida, que está presente na poesia do grupo Noigandres, é o ponto de partida para a produção de diferentes poetas e artistas de gerações seguintes e que segue até o presente.

A mostra **Palavra Viva** traz obras de diferentes períodos que estão atreladas aos conceitos “verbivocovisuais” e traça uma linha do tempo da relação da palavra e da imagem na produção brasileira, reunindo artistas e poetas, que aqui são denominados de artistas(poetas)visuais. A definição se apropria da escrita do poeta e.e. cummings como forma de aproximar a produção de profissionais que trabalham na fronteira entre a literatura e as artes plásticas.

Os poemas mais antigos em exposição são de autoria de Augusto de Campos e integram sua série *poetamenos*, considerada a inicial da poesia concreta brasileira. A seleção conta ainda com obras de artistas(poetas)visuais das gerações seguintes que foram de certa forma influenciados por Campos e seus companheiros e que exploraram diferentes suportes para formalizar seus pensamentos visuais e poéticos.

**Palavra Viva** conta com serigrafias, esculturas, cartazes, objetos, adesivos, instalações, fotografias, vídeos e uma performance que exploram o tênue limite híbrido de linguagens – poemas expandidos além do livro, inseridos como peças de arte no espaço-tempo expositivo.

Obras de representantes de diferentes regiões do país e de distintas gerações, como Almandrade, Arnaldo Antunes, Fabio Morais, Guilherme Mansur, Lenora de Barros, Marilá Dardot, Paulo Bruscky, Ricardo Aleixo, Tadeu Jungle, Walter Silveira e o já mencionado Augusto de Campos, alguns considerados mais poetas do que artistas, outros mais artistas do que poetas, reunidos e unificados aqui e agora como artistas (poetas)visuais, responsáveis por manter a língua portuguesa ativa, a palavra viva.

Daniel Rangel Curador

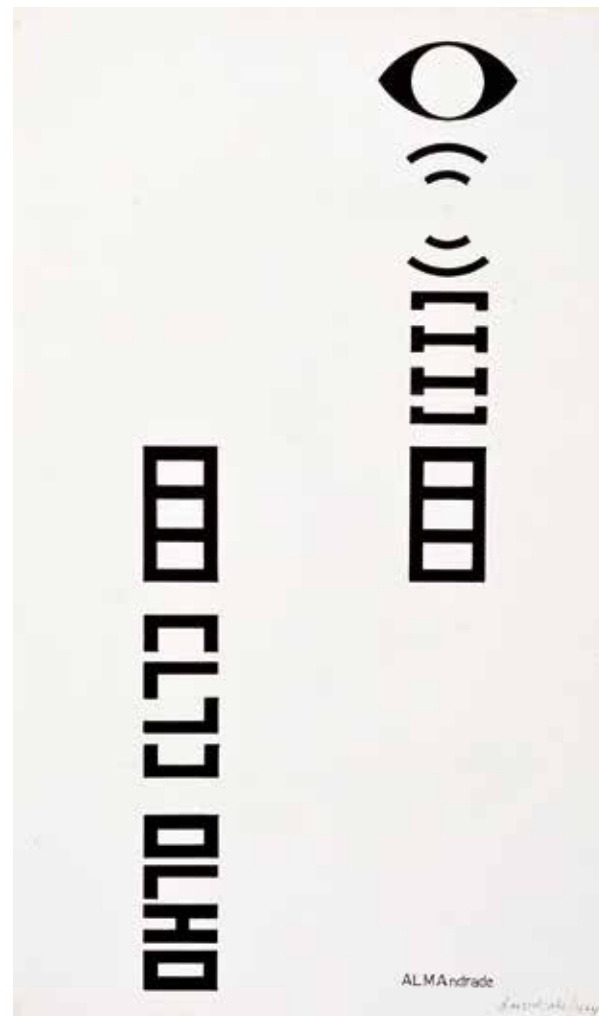
<sup>1</sup> CAMPOS, A.; CAMPOS, H.; PIGNATARI, D. *Teoria da Poesia Concreta*. São Paulo, Duas Cidades, 1975.

<sup>2</sup> Referência à revista Noigandres, criada pelos três poetas em 1955, na qual foram reunidos os primeiros poemas concretos do grupo. A publicação teve cinco números, sendo o último publicado em 1963.

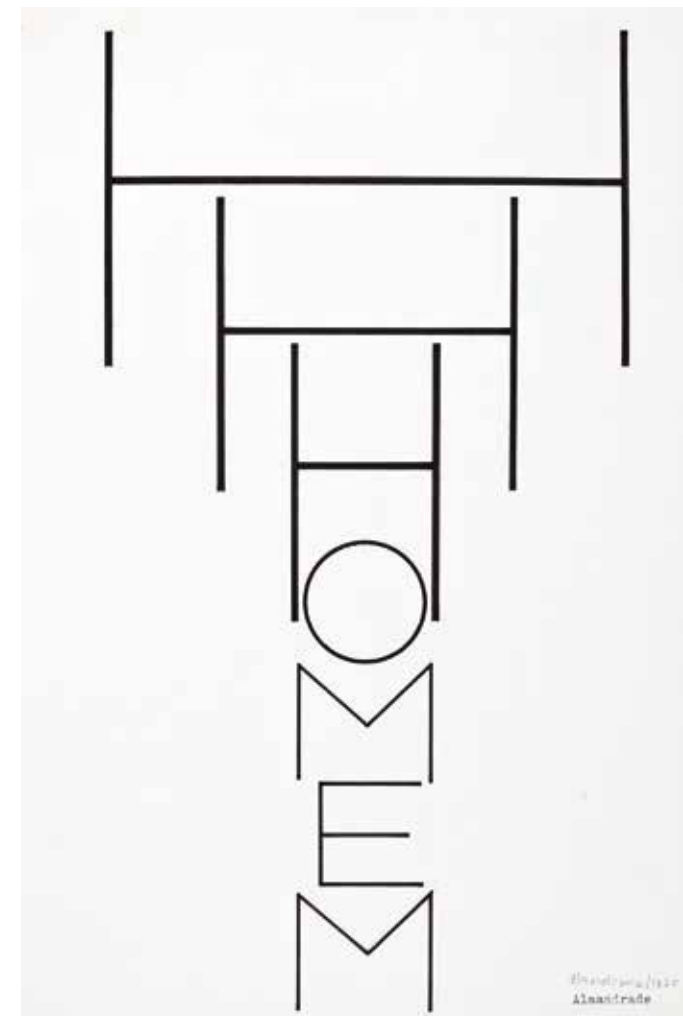
# ALMANDRADE

SÃO FELIPE/BA, 1953

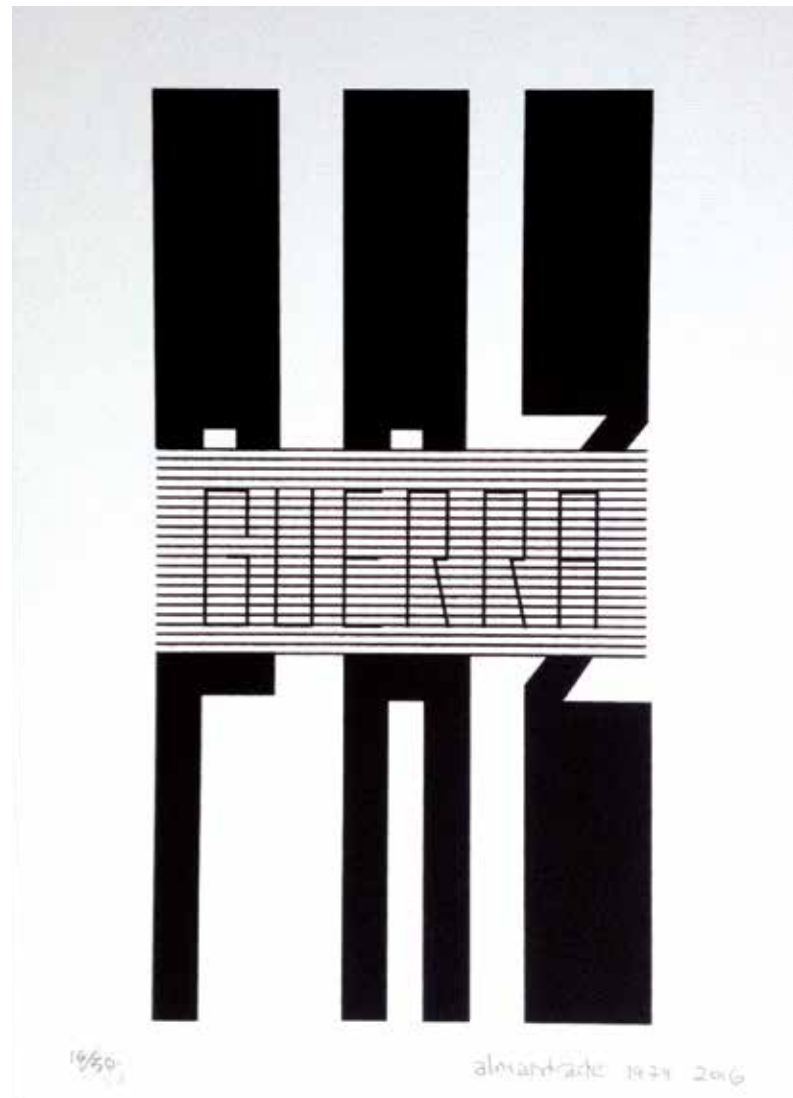
Artista plástico, arquiteto, mestre em desenho urbano, poeta e professor de história da arte, Almandrade coloca-se entre a geometria e o conceito, entre a forma e a palavra. Seu trabalho tem um traço muito particular: alterna-se entre a estética construtivista, a arte conceitual e o poema visual, tal que a coerência e o rigor em lidar com diferentes suportes tornam o artista importante expoente de sua geração. Almandrade foi um dos criadores do Grupo de Estudos de Linguagem da Bahia que editou a revista *Semiótica* em 1974 e participou de diversas exposições individuais e coletivas, entre as quais se destacam: *Do Poema Visual à Poética do Plano e do Espaço*, Galeria Baró, São Paulo, SP (2015); *Entre a Palavra e o Conceito*, Roberto Alban Galeria, Salvador, BA (2015); *Economia da Montagem*, Museu de Arte do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS (2012); e as edições XII, XIII e XVI da *Bienal de São Paulo*, SP, entre outras.



OLHO, 1974  
Serigrafia sobre papel, 2014



HOMEM, 1974  
Serigrafia sobre papel, 2016



GUERRA E PAZ, 1974  
Serigrafia sobre papel, 2016

## ARNALDO ANTUNES

SÃO PAULO/SP, 1960

Os limites da palavra e o diálogo entre as diversas linguagens são frequentemente tensionados por Arnaldo Antunes. Em letras de música, livros e obras de arte, ele utiliza suportes artísticos variados, provindos sobretudo da cultura pop, e os ressignifica poeticamente. Além de seus livros e discos, Antunes participou de mostras individuais e coletivas, entre as quais se destacam *Luzescrita*, que foi realizada em Salvador, Curitiba, Rio de Janeiro, Brasília, Parati e, mais recentemente, no Espaço Porto Seguro, São Paulo, SP (2017); *Palavra em Movimento* (2015/2016), em São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Salvador, Brasília e Fortaleza, ganhadora do prêmio APCA de melhor exposição de artes gráficas em 2015; *II Bienal de Artes Visuais do Mercosul*, Porto Alegre, RS (1999); *XXIV Bienal de São Paulo*, SP (1998); *VI Bienal de Havana*, Cuba (1997); *Dentro Brasil*, Long Beach Museum of Art, Califórnia, EUA (1995); *Transfutur, Visuelle Poesie*, Kassel, Alemanha (1990).

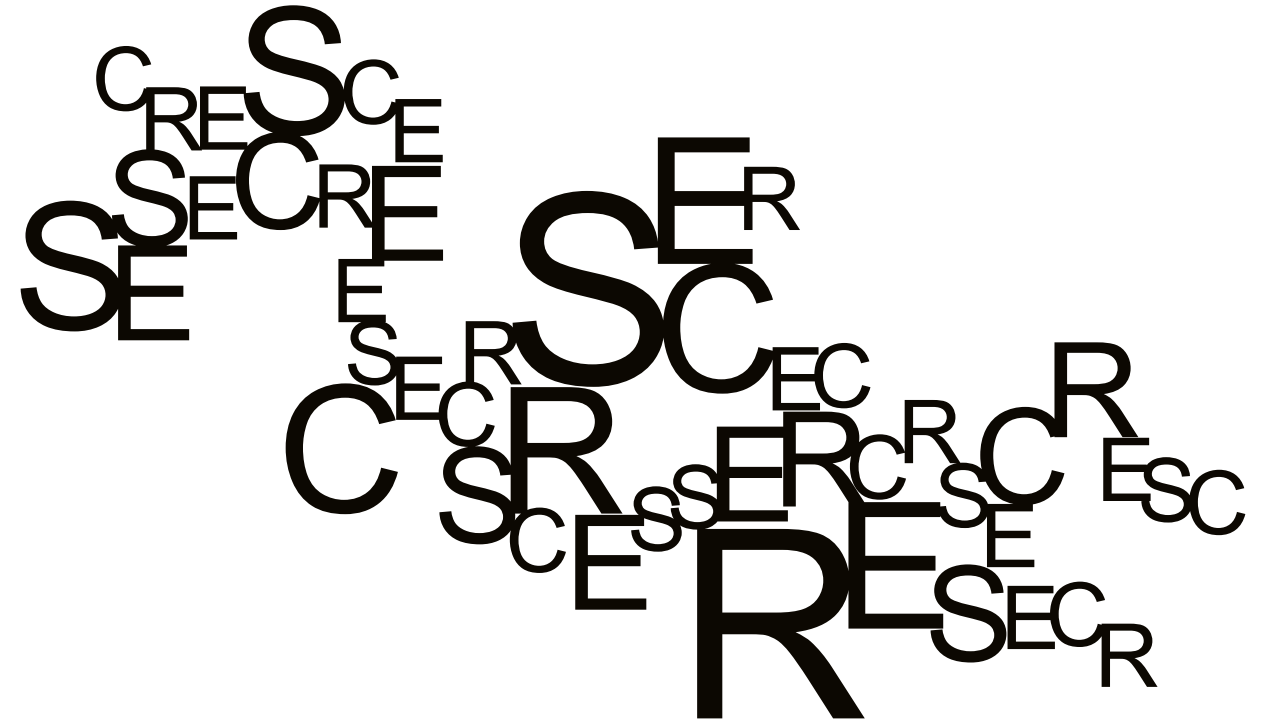


INFINITOZINHO, 2003





ANTE APÓS S.D. | s.d. da série Caligrafias (1998-2003)  
Monotipia, 1998-2003



CRESCER, 1999

# AUGUSTO DE CAMPOS

SÃO PAULO/SP, 1931

O poeta, tradutor, ensaísta, crítico de literatura e música e artista visual Augusto de Campos é um dos precursores da poesia concreta no Brasil, ao lado de seu irmão Haroldo de Campos e de Décio Pignatari. Sua produção poética, iniciada nos começos dos anos 1950, é marcada pelo conceito verbivocovisual, traduzido da obra de James Joyce, substanciando de forma simultânea as dimensões semânticas, sonoras e visuais de poemas. O caráter multidisciplinar de sua obra vem influenciando gerações de poetas e artistas que trabalham na fronteira entre a palavra e a imagem. Desde 1956, quando participou da *Exposição Nacional de Arte Concreta*, no MAM-SP, sua obra veio a ser incluída em muitas exposições, bem como em antologias internacionais. Em 2016, recebeu importante mostra retrospectiva no Sesc Pompeia, e no ano seguinte foi agraciado com o Prêmio Pablo Neruda, no Chile, e o Prêmio Jannis Panonis, na Iugoslávia.



CODIGO 1973 | da serie Enigmagens (1973–77)  
Chapa de PVC, aço e madeira, 2016



VIVA VAIA, 1972  
Serigrafia sobre papel, 2016

lygia      finge  
rs      ser  
digital  
dedat illa(grypho)  
lynx lynx      assim  
mãe felyna com ly  
figlia me felix sim na nx  
seja: quando so lange so  
ly  
gia la sera sorella  
so only lonely tt-  
l

LYGIA FINGERS, 1973 | da série Poetamenos (1953)  
Serigrafia sobre papel, 2016

## FABIO MORAIS

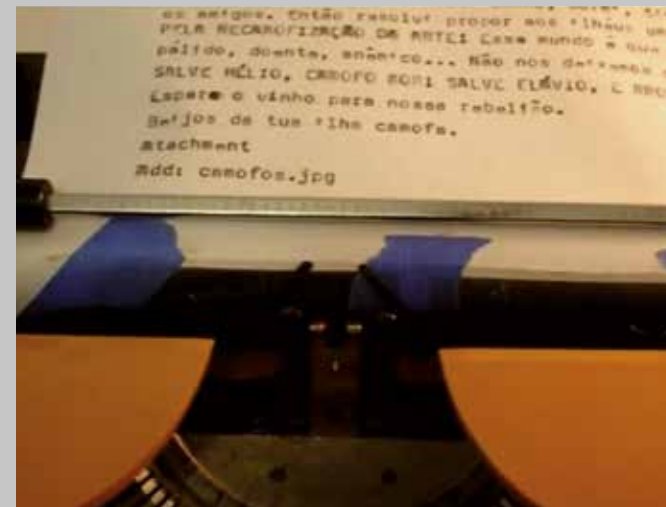
SÃO PAULO/SP, 1975

É artista visual e escritor. Em sua prática artística, atua entre o circuito expográfico e o editorial, tal que a palavra, o suporte livro e a semântica são objetos de sua reflexão e obra no campo visual. Publicou os livros *Sebo+Biblioteca* (São Paulo, Museu da Cidade, 2016) em coautoria com Marilá Dardot, *Somático* (Barcelona, Kitschic Ediciones, 2017; São Paulo, Meli Melo Press e Edições Tijuana, 2016), *O Performer* (São Paulo, edição do autor, 2009), *blá blá blá* (Florianópolis, par(ent)esis, 2009) e *Sebo* (São Paulo, CCBB, 2007), ambos em coautoria com Marilá Dardot, com quem concebeu a *Klaxon Extra-Texto* (São Paulo, Cosac Naify e ICCo, 2013), revista que acompanha a edição fac-similar da *Revista Klaxon*. Participou de diversas exposições em instituições como Bienal de São Paulo, MAM-SP, Centro Cultural São Paulo, Instituto Tomie Ohtake, Museu Lasar Segall (São Paulo), Centro Cultural Helio Oiticica (Rio de Janeiro), Museu de Arte da Pampulha (Belo Horizonte), Bienal do Mercosul (Porto Alegre), MAC-BA (Barcelona), entre outras.

## MARILÁ DARDOT

BELO HORIZONTE/MG, 1973

A artista atua nas entrelinhas do texto e da literatura. Sua poética coloca-se entre as palavras e o tempo, buscando diferentes formas de olhar em épocas aceleradas como a nossa, ou de conceber às palavras já existentes novas leituras e sentidos. Marilá é mestre em linguagens visuais pela UFRJ, Rio de Janeiro, RJ (2003). Entre suas exposições individuais mais recentes estão *Bienvenidos* (Arredondo/Arrozarena, Cidade do México, México, 2017), *Interdito* (Galeria Filomena Soares, Lisboa, Portugal, 2017), *Guerra do Tempo* (Chácara Lane, São Paulo, SP, 2016) e *Diário* (Sesc Palladium, Belo Horizonte, MG, 2015). Entre as coletivas de que participou se destacam *Brasil, Beleza?!* (Museum Beelden aan Zee, El Den Haag, Holanda, 2016), *Let us Cultivate Our Garden* (Cappadox, Capadócia, Turquia, 2016), *A Arte de Contar Histórias* (MAC, Niterói, RJ, 2016), *Huna, Hunak: Aqui/Lá* (Al Riwaq, Doha, Catar, 2014), *Além da Biblioteca* (Itochu Aoyama Art Square, Tóquio, Japão, 2013), *The Storytellers* (Stenersen Museum, Oslo, Noruega, 2012), *27ª e 30ª Bienal de São Paulo*, SP (2006 e 2010) e *Panorama da Arte Brasileira* (MAM, São Paulo, SP, 2005 e 2007). Editou e publicou diversos livros, como *Klaxon Extra-Texto* (São Paulo, Cosac Naify e ICCo, 2013), *blá blá blá* (Florianópolis, par(ent)esis, 2009) e *Sebo* (São Paulo, CCBB, 2007).

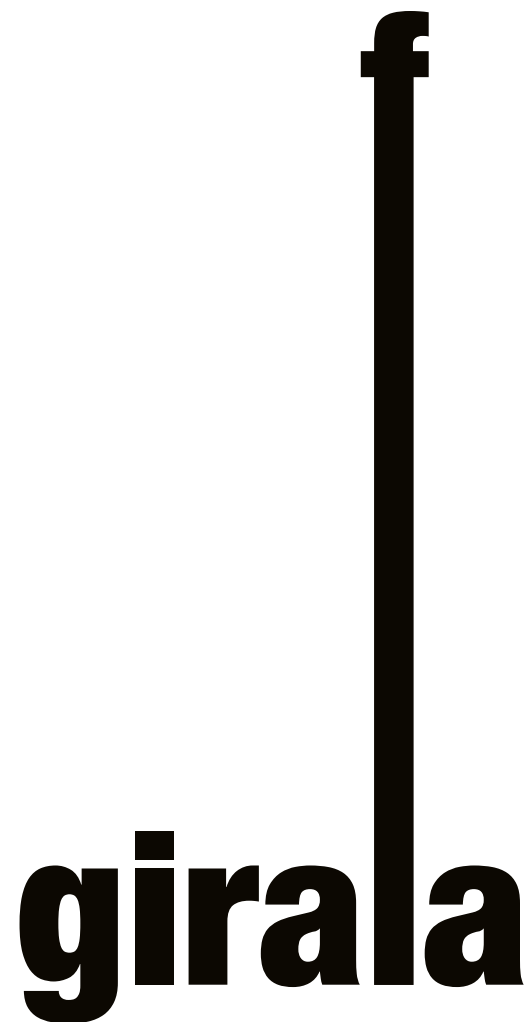


CORRESPONDÊNCIA, 2008  
Video 3'52"

# GUILHERME MANSUR

OURO PRETO/MG,  
1958

Poeta, editor e tipógrafo, atuou no movimento de arte postal e participou da *International Mail-Art Exhibition* (Monza, Itália) na década de 1970. Mansur fundou e editou a revista-saco *Poesia Livre* e, durante a década de 1980, editou livros de poesia de importantes poetas, como Haroldo de Campos, Paulo Leminski e Alice Ruiz. A partir dos anos 1990, editou a série de poemas-cartazes "Não/Nada". Seu trabalho explora a forma e a espacialidade da tipografia, além de dialogar com a dimensão semântica das palavras e dos signos. Nos anos 2000, criou a fonte digital Verga, publicada na revista *Tupigrafia* (São Paulo), e a série de alfabetos *Alfacine*, reunindo fontes digitais e cinema. Possui poemas publicados em diversas revistas e jornais literários, entre os quais *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *Mais (Folha de S.Paulo)*, *Folhinha (Folha de S.Paulo)*, jornal *Nicolau* (Curitiba), revista *Bric-a-Brac* (Brasília), entre outros. Em *Palavra Viva*, exibiu pela primeira vez suas experiências poéticas tipográficas no âmbito das artes visuais.



girafa

GIRAFÁ, 2007 | da série tipogrÁfricas 2007  
Serigrafia sobre papel, 2018



jacaré

JACARÉ, 2007 | da série tipogrÁfricas 2007  
Serigrafia sobre papel, 2018

# ca<sup>n</sup>helo

CAMELO, 2007 | da série tipogrÁficas 2007  
Serigrafia sobre papel, 2018

## LENORA DE BARROS

SÃO PAULO/SP, 1953

Formada em linguística pela Universidade de São Paulo, Lenora de Barros explora, em sua prática artística, os códigos e as diversas linguagens a partir de diferentes suportes, como vídeo, performance, fotografia, objetos e instalações visuais e sonoras que tensionam a fronteira entre a palavra e a imagem. A artista participou de exposições individuais e coletivas, entre as quais podemos destacar Hammer Museum, Los Angeles, EUA (2017); *4ª Thessaloniki Biennial of Contemporary Art*, Grécia, e *17ª Bienal de Cerveira*, Portugal (2013); *17ª, 24ª e 30ª Bienal de São Paulo*, SP (1983, 1998 e 2013); *11th Biennial of Lyon*, França (2011); *The Daros Latinamerica*, Zurique, Suíça (2009); *5ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, RS (2005), entre outros.



SILÊNCIO 2014  
Fotografia, 2014





PREGAÇÃO, 2014-2018  
Performance, 2018



PREGAÇÃO, 2014-2018  
Registro de Performance/Instalação, 2018

# PAULO BRUSCKY

RECIFE/PE, 1949

As experiências de Paulo Bruscky com arte postal, audioarte, videoarte, artdoor e xerografia/ faxarte são apontadas como pioneiras nas discussões acerca da utilização de novos meios na arte brasileira.

Ele participou de várias mostras de arte correio no mundo todo; organizou a primeira mostra de street art (1981) e a primeira mostra de arte correio (1976) no Brasil; produziu trabalhos sonoros e concebeu vários projetos utópicos; participou da última edição da *Bienal de Veneza*, Itália (2017), das 16ª, 20ª, 26ª e 29ª edições da *Bienal de São Paulo*, SP (1981, 1989, 2004 e 2010); da 10ª *Bienal de Havana*, Cuba (2009); entre outras bienais, além de coletivas como *Mitologias por Procuração* (Museu de Arte Moderna de São Paulo, SP, 2013); *In Cloud Country* (Harewood House, Leeds, Inglaterra, 2013); *Perder la Forma Humana* (Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madri, Espanha, 2012); *Trienal Poli/Gráfica de San Juan* (San Juan, Porto Rico, 2012); e *Sistemas, Acciones y Procesos* (Fundación Proa, Buenos Aires, Argentina, 2011).



CARTAZ, 2014

Cartaz digitalizado e impressão fotográfica, 2014



ARTE ANTIDERRAPANTE, 2015

Carimbos e colagem antiderrapante sobre envelope, 2015





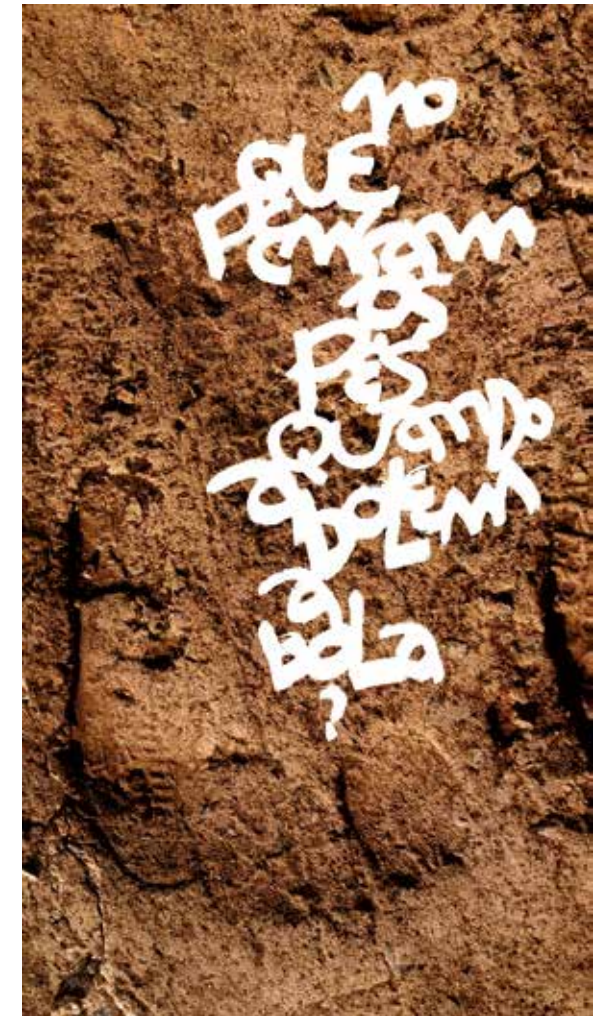
LUTO 2014

Envelope, carimbos, selos, nanquim e pincel atômico, 2014

## RICARDO ALEIXO

BELO HORIZONTE/MG,  
1960

Poeta, músico, produtor cultural, artista plástico e editor, Ricardo Aleixo atua em diversas áreas. Fez sua estreia na poesia em 1992, com o livro *Festim*. Seus poemas revelam forte afinidade com o movimento concretista e engajamento político e social, introduzindo perspectivas de outros códigos e culturas em seu trabalho. Ele faz uso da tecnologia e a performance assume grande papel em seu trabalho: seu corpo é utilizado como meio de diálogo e de intervenção na linguagem. É curador do Festival de Arte Negra – FAN e coordena projetos como o Tricentenário de Zumbi e a Bienal Internacional de Poesia. Edita a revista *Roda – Arte e Cultura do Atlântico Negro* pela Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Participou de várias antologias no Brasil e no exterior, entre elas a de Heloísa Buarque de Hollanda (*Esses Poetas – Uma Antologia da Poesia Brasileira nos Anos 90*) e a de Adolfo Montejo Navas (*Correspondência Celeste – Nueva Poesia Brasileña 1960-2000*).



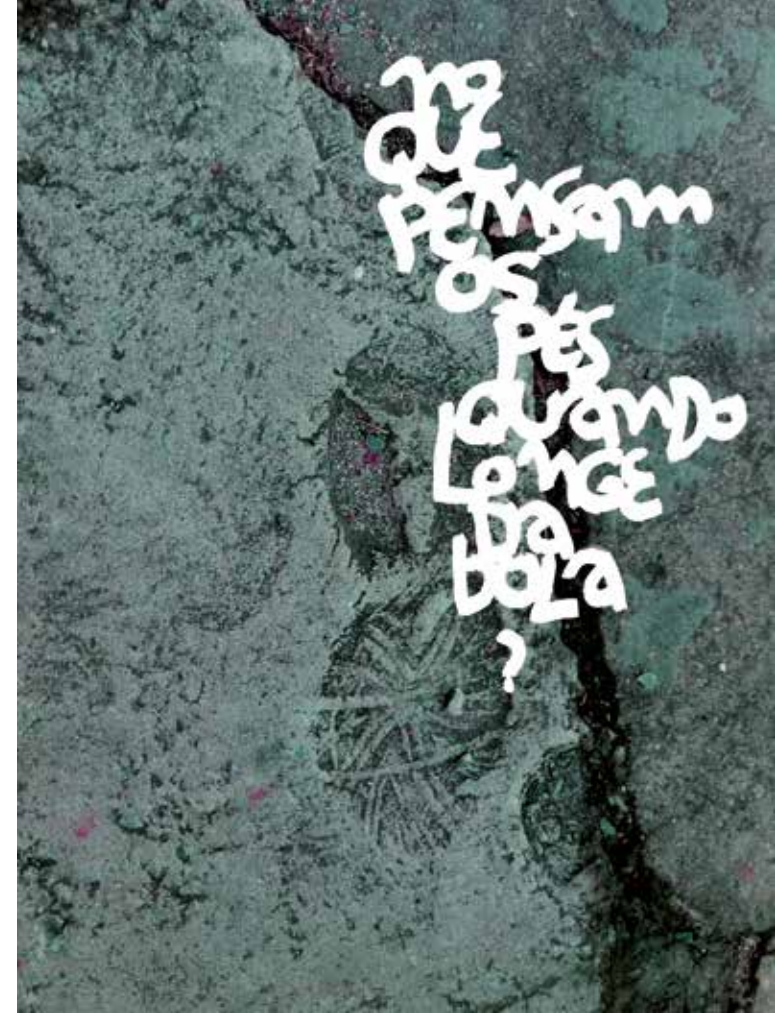
SEM TÍTULO 2018

da série No que pensam os pés quando longe da bola 2018

Caligrafia sobre impressão jato de tinta sobre papel, 2018



SEM TÍTULO, 2018 | da série No que pensam os pés quando longe da bola 2018  
Caligrafia sobre impressão jato de tinta sobre papel, 2018



SEM TÍTULO, 2018 | da série No que pensam os pés quando longe da bola 2018  
Caligrafia sobre impressão jato de tinta sobre papel, 2018



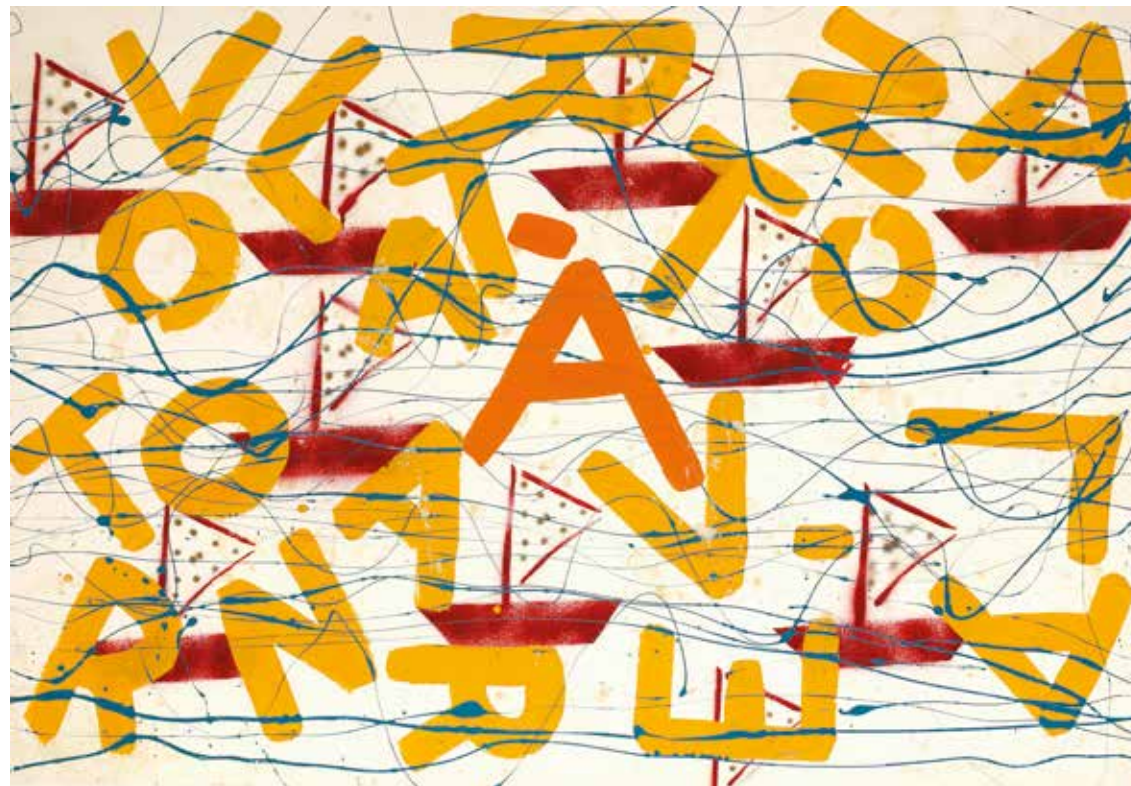
## TADEU JUNGLE

SÃO PAULO/SP, 1956

Graduado em rádio e TV pela Escola de Comunicações e Artes da USP (1980), estudou televisão na San Francisco State University, EUA. Iniciou suas atividades no fim dos anos 1970, em São Paulo, com mídias alternativas: grafites poéticos, arte-correio e poesia em pequenos adesivos, e foi um dos pioneiros na disseminação do vídeo como arte no Brasil. Junto a colegas da ECA-USP, constituiu a produtora TVDO, marcada por um espírito anárquico, responsável por programas de TV, documentários e videoinstalações. O trabalho de Jungle realiza-se na fronteira entre as linguagens e a experimentação. É sócio-fundador da produtora de cinema Academia de Filmes, hoje com 20 anos de atividades, na qual dirige filmes, programas de TV, documentários e projetos em realidade virtual. Dirigiu o longa-metragem de ficção *Amanhã Nunca Mais*, lançado em 2011 pela Fox Filmes, e o documentário *Evoé*, sobre Zé Celso Martinez Corrêa, lançado pelo Itaú Cultural em 2011. Em 2013, realizou importante individual no Oi Futuro Flamengo, *Tadeu Jungle Videofotopoesia*, com obras inéditas e uma releitura de seus 30 anos de trajetória.



QUERO UM FILHO, 1985  
Pintura sob papel, 1985



VOLTAR A TONA TORNAR A VÊ-LA, 1985  
Pintura sob papel, 1985





VENTO VAI E VÉM, 1984  
Pintura sob papel, 1984

## WALTER SILVEIRA

SÃO PAULO/SP, 1955

É videoartista, poeta visual, artista gráfico e profissional de televisão. Formado em rádio e TV pela ECA-USP, trabalhou em diversas emissoras como diretor de conteúdo e programação. Integrou o grupo TVDO, marcado por um espírito anárquico, que criava de videoinstalações a programas de TV. Desde 1977, realiza projetos autorais e experimentais em torno do suporte eletrônico, nos quais as possibilidades das diversas linguagens são potencializadas. Nesse mesmo período, grafitou o poema "Hendrix, Mandrake, Mandrix" em um muro da Avenida Sumaré, um dos grafites pioneiros da cidade. Participou de diversas exposições, entre as quais a *XXIII Bienal Internacional de São Paulo* (2003). No mesmo ano, desenvolveu o espetáculo intermídia *Poesia É Risco*, com o poeta Augusto de Campos e o músico Cid Campos. A partir de 2013, apresentou em São Paulo, Brasília e Curitiba a exposição *Blackberry Palavra e Imagem* – a mostra leva o nome de Blackberry devido ao apelido que ele mesmo criou e com o qual assina sua obra: Walt B. Blackberry. Em 2015, participou da *Amostragem da Poesia Brasileira da Era Pós-Verso* em Lisboa, Portugal.



SEM TÍTULO, 1982 | da série Banheiro Publyko (stilograficopunk) 1982  
Serigrafia sobre papel, 2013

ENQUAN  
T  
UNSV  
VALIS  
OUTROS  
FINLAM

SEM TÍTULO, 1982 | da série Banheiro Pablyko (stilograficopunk) 1982  
Serigrafia sobre papel, 2013



NEXO, 1996

## SESC EM MINAS GERAIS

LÁZARO LUIZ GONZAGA Presidente do Sistema Fecomércio MG, Sesc, Senac e Sindicatos

LUCIANO DE ASSIS FAGUNDES Diretor Regional

ELIANE PARREIRAS Gerente Geral de Cultura

EQUIPE SESC PALLADIUM Execução técnica

## PALAVRA VIVA EXPOSIÇÃO

N+1 ARTE\_CULTURA Idealização

DANIEL RANGEL Curadoria

TÊRA QUEIROZ Coordenação Geral

ELÉTRICA PRODUÇÃO CONTEMPORÂNEA Produção Executiva

ANA ROMAN Assistência de Curadoria

ROBERTO BERTANI Coordenação Administrativa

TATIANA FARIAS Coordenação de Produção

PATRÍCIA FREITAS Logística e Administração

JULIANA GODOY Projeto Expográfico

DEDÉ\_ RENATO LINS Identidade Visual

MARCA-TEXTO EDITORIAL Revisão

RAFAEL SOARES Montagem Fina

MAMULTI Sinalização

TRANSPORTE Art Quality

NEUFELD CESTARI ADVOGADOS Assessoria Jurídica

CLÉ RESERVA CONTEMPORÂNEA Reserva Técnica

## AGRADECIMENTOS

Galeria Carbono, Ana Serra, Renata Castro e Silva

Galeria Vermelho, Eliana Finkelstein, Eduardo Brandão, Marcos Gallon

Espaço Líquido, Bruna Callegari, Rafael Buosi

Idealização



Realização



28 DE FEVEREIRO A 22 DE ABRIL  
DE TERÇA A DOMINGO \_9H ÀS 21H

GALERIA DE ARTE GTO | SESC PALLADIUM  
AV. AUGUSTO DE LIMA, 420 - CENTRO  
BELO HORIZONTE - MG, 30190-006  
TELEFONE: (31) 3270-8100



LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS  
ENTRADA FRANCA

